GT 014. Antropologia das Emoções
Maria, Claudia Pereira Coelho (ICS/UERJ) Coordenador/a, Ceres Victora (UFRGS). Coordenador/a, Eduardo Moura Pereira Oliveira
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) Debatedor/a, Raphael Bispo dos Santos (UFJF) Debatedor/a, Iara Beleli (Núcleo de estudos de
Gênero - Paqu/UNICAMP) - Debatedor/a A antropologia das

emo?es vem se consolidando como ?rea aut?noma no Brasil h? cerca de vinte anos. Ao longo desse percurso, podemos identificar um conjunto de tem?ticas agrupadas em torno de dois eixos principais: as tem?ticas ligadas a ?reas da vida associadas ? dimens?o ?privada? e as tem?ticas vinculadas ao ?mundo p?blico?. Para as primeiras, podemos arrolar problemas de pesquisa ligados ao corpo, ? sexualidade ou a sa?de/doen?a; para as segundas, listar?amos os movimentos sociais, a viol?ncia ou os universos profissionais/institucionais. Esse Grupo de Trabalho tem como proposta avan?ar na supera??o dessa dicotomia, incluindo em seus focos de interesse, ao lado do elenco j? can?nico de tem?ticas pass?veis de abordagem pela antropologia das emo?es, novos problemas concebidos sob a ?gide da reflex?o sobre essa dicotomia. As principais tem?ticas a serem contempladas s?o: a) emo?es e institui?es/pr?ticas estatais; b) emo?es e pol?ticas p?blicas; c) emo?es, moral e formas do cuidado; d) emo?es, viol?ncia e vitimiza??o; e) emo?es e movimentos sociais; f) emo?es e discursos/pr?ticas profissionais; g) corpo, sensorialidade e emo?es; h) emo?es, g?nero e sexualidade; i) emo?es e experi?ncias de sa?de/doen?a.

Do indivíduo ao grupo: a padronização dos sentimentos no contexto profissional de uma orquestra de música clássica

Autoria: Guilherme Furtado Bartz

?A música expressa todas as emoções?. Essa frase, proferida pelo maestro da Orquestra de Câmara Theatro São Pedro após um ensaio do grupo, resume a forte simbiose que existe entre o campo da música e o universo das emoções. Ser músico e trabalhar numa orquestra, tendo a arte sonora como profissão, equivale a estar diariamente em contato com esses dois mundos complementares. A presente proposta está embasada na etnografia que realizei em 2017 com os músicos da Orquestra de Câmara Theatro São Pedro, grupo musical erudito com mais de 30 anos de existência sediado em Porto Alegre, RS. Nessa investigação, que deu origem à minha dissertação de mestrado em Antropologia, procurei compreender como esses indivíduos formulam para si um entendimento de sua própria atividade profissional. Na construção identitária que efetuam a respeito do que significa ?ser músico?, as emoções compartilhadas no fazer musical aparecem como um dos componentes essenciais. Para obter sucesso profissional, o músico precisa se envolver de corpo e alma ao tocar seu instrumento, seja num ensaio ou numa apresentação. Sua atitude e disposição genuínas influenciam diretamente no som que ele produz, que para ser bem valorado necessita de um grande dispêndio de energia física e sentimental. Nesse work, as partituras aparecem como agentes importantes. Ainda que oferecam informações bastante precisas sobre como as notas devem ser tocadas, a linguagem musical escrita sempre apresenta alguma margem interpretativa ? que varia conforme a concepção individual de cada músico. Contudo, para tocar coletivamente é necessário criar uma série de consensos sobre como as sonoridades devem ser compreendidas, sentidas e performadas. Nas orquestras, ambientes fortemente hierarquizados no qual cada músico detém o seu lugar e posição, esse consenso é formulado quase sempre de cima para baixo: o maestro decide o que deve ser feito, cabendo aos músicos acatar suas orientações. O regente é o responsável por ?traduzir? a linguagem musical instrumental, em essência abstrata e extremamente rica em possibilidades simbólicas, numa linguagem ?emocional? que todos



compreendem. Ao dar um nome às sonoridades, mostrando a que tipo de emoção ou sentimento elas se vinculam, ele homogeneíza o work do grupo. No contexto de work da orquestra, a emoção sentida individualmente precisa alinhar-se com os anseios da coletividade, a fim de que todos possam trabalhar "num único sentido". Os músicos ?afinam? tanto seus instrumentos quanto seus sentimentos. Quando todos levam a sério esse objetivo, as emoções afloram a pleno. Nos ensaios e concertos é possível observar como essa troca de afetos por vezes resulta em momentos artísticos sublimes, nos quais a ?verdadeira música? ? expressiva na origem ? realmente se efetiva.

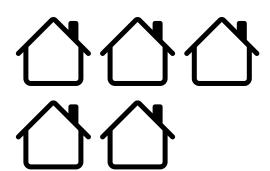
Trabalho completo



Realização:



Apoio:



Organização:

